

ENCONTRO 04

O CONVÍVIO COM A FAMÍLIA DO CÔNJUGE

Oração inicial (Pág. 13).

Casal coordenador: Já parou para pensar como será (ou como já é) a convivência com a família de seu cônjuge? Tranquila ou difícil? Parece que haverá (ou há) intromissão ou os espaços de cada um são respeitados?

Leitor 1: Há pessoas que dizem que o casamento lhes trouxe novos pais. E há também as que dizem que o casamento lhes trouxe dor de cabeça. Um ditado popular diz que “escolhe-se o cônjuge, mas sua família vem de brinde”!

Leitor 2: Já começaremos o encontro com um comentário do Papa Francisco sobre o relacionamento com a sogra:



“Sabemos que os clichês sobre os laços de parentesco criados pelo casamento, sobretudo o da sogra, aquele vínculo entre sogra e nora, falam contra esta perspectiva. Mas, precisamente por esta razão, a palavra de Deus torna-se preciosa. A inspiração da fé pode abrir um horizonte de testemunho que vai contra os preconceitos mais comuns, um horizonte que é precioso para toda a comunidade humana. Convido-vos a redescobrir o livro de Rute! Especialmente na meditação sobre o amor e na catequese sobre a família.”

Recomendamos a leitura dessa homilia disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2022/documents/20220427-udienza-generale.html>



Leitor 3: Este é um tema bastante polêmico e está diretamente relacionado à qualidade da vida conjugal. Há casais que enfrentam sérios problemas que chegam até à separação por dificuldades no relacionamento com os familiares de seu cônjuge.

Momento de partilha (máximo de 5 min.)

Vamos começar refletindo sobre outro ditado popular que certamente vocês conhecem: “quem casa quer casa”!

O que vocês pensam dessa afirmação? Vamos conversar?

Leitor 3: Essa afirmação não é somente um ditado popular, mas é também uma realidade bíblica. O livro do Gênesis, no capítulo 2, nos ensina que o casal precisa deixar pai e mãe para ser uma só carne. Deixar pai e mãe é uma forma de ruptura, é como “cortar o cordão umbilical”.

Todos: “O homem deixa o seu pai e a sua mãe para se unir à sua mulher; e já não são mais que uma só carne.” (Gn 2,24)



Leitor 1: Mas, de forma alguma isso significa abandonar os pais. Representa a necessidade de autonomia e independência. Vejamos o que diz o Papa Francisco sobre isso:

“Os pais não devem ser abandonados nem descuidados, mas, para unir-se em matrimônio, é

preciso deixá-los, de modo que o novo lar seja a morada, a proteção, a plataforma e o projeto, e seja possível tornar-se verdadeiramente «uma só carne» (Gn 2, 24). “ (Amoris Laetitia, 190)

Leitor 1: Assim, o primeiro ponto para a saudável convivência de um casal com suas famílias é a consciência de que um novo lar é constituído. É claro que, para esse lar, cada um traz seus aprendizados e costumes. Mas esse novo lar precisa de independência e não pode ser uma repetição do lar de origem de um dos cônjuges. Deve ser um novo lar, algo único e fruto dos dois cônjuges.

Leitor 2: É preciso que haja a ruptura com todo tipo de dependência dos filhos para com seus pais. Por isso, é preciso determinação e coragem para se unir em matrimônio, pois é uma ação que implica uma renúncia. Deve-se abrir mão da vida até então vivida com os pais e familiares (ou até mesmo vivida sozinha). Podemos dizer que é uma forma de renascer com seu cônjuge, para dar início a uma nova vida.

Momento de partilha (máximo de 5 min.)

Um ditado popular é que a visita dos pais aos filhos casados não deveria ser com chinelos de dedo nem com malas enormes. Vamos decifrar essa alegoria e falar sobre ela?

Leitor 3: Quando se fala em independência, nos referimos a todas as suas formas. É comum encontrarmos casais que vivem “na barra das calças” de seus pais, recorrendo a eles com muita frequência e, em muitas delas, em busca de conforto material e/ou de opiniões que poderiam ser discutidas em casal.

Todos: O casal deve assumir sua independência financeira, mesmo que a decisão de se casar implique redução do padrão de vida.

Leitor 1: Por outro lado, há pais que não respeitam a independência dos filhos e tentam interferir no cotidiano deles. É comum ouvirmos queixas de casais que dizem serem pressionados pelos pais do marido ou da esposa para tomar esta ou aquela decisão, seja no campo profissional, material, conjugal e também na educação de seus filhos.

Leitor 2: É preciso que os filhos casados tenham independência para tomar todas as decisões com seu cônjuge e para educar seus filhos segundo a proposta do casal.

Leitor 3: A independência é uma “via de mão dupla”. De um lado, é necessário que os pais respeitem a decisão de um(a) filho(a) em constituir um novo lar e aprendam a conviver sem se intrometer. Por outro lado, é também necessário que o(a) filho(a) assuma seu novo lar com independência.

Todos: A partir do momento em que os filhos contraem matrimônio, só uma dependência deve existir: a dependência mútua entre os cônjuges, pois se tornam uma única vida, uma só carne.

Momento de partilha (máximo de 5 min.)

Além do exemplo que citamos, vamos conversar sobre outros aspectos práticos que comprometem a necessária independência dos filhos casados. Cite condutas de casal e de pais que precisam ser observadas no cotidiano da vida conjugal.

Leitor 1: Ser uma só carne, construir a maior amizade de sua vida, significa que seu cônjuge deve ser a primeira pessoa a conhecer suas angústias, dúvidas, problemas, medos e todo tipo de sentimento que passar por seu coração. Como já discutimos nos encontros iniciais, o casal não se isola do mundo e não deixa de ter

vínculos com amigos e familiares. Nunca deixamos de ter nossos pais como referência e, de certa forma, de ter o “colo” deles que nos faz tão bem, mas o sacramento do matrimônio coloca o cônjuge como o número um de nossa vida.

Leitor 2: O Papa Francisco define bem essa relação:

“Sucedem, em alguns casais, ocultar ao próprio cônjuge muitas coisas, que entretanto se dizem aos pais, chegando ao ponto de se importar mais com as opiniões destes do que com os sentimentos e as opiniões do cônjuge. Não é fácil manter esta situação por muito tempo, e só provisoriamente poderia ter lugar, isto é, enquanto se criam as condições para crescer na confiança e no diálogo. O matrimônio desafia a encontrar uma nova maneira de ser filho.” (Amoris Laetitia, 190)



Leitor 3: O ato de ocultar coisas aos cônjuges e levá-las aos familiares se torna ainda mais nocivo quando se trata de queixas a respeito da própria vida conjugal.

Leitor 1: Este é um aspecto também muito importante: a preservação da imagem do cônjuge diante dos familiares, tanto os seus como os dele. É verdade que todos temos defeitos e alguns podem incomodar bastante. Mas não vai ajudar no relacionamento fazer um relatório diário para seus pais sobre o comportamento de seu cônjuge.

Leitor 2: A solução de conflitos deve começar no diálogo entre o casal. Se este não for possível ou se não resolver, procure ajuda com amigos casados com mais tempo de matrimônio e equilibrada vida de fé ou com um sacerdote. E pode chegar à busca de ajuda profissional. Mas somente procure seus pais para relatar conflitos e pedir a intervenção deles em situações excepcionais.

Leitor 3: Por exemplo, há esposas que estão sempre se queixando de seu cônjuge para sua mãe e o expondo. Isso somente atrapalha a imagem dele diante da família dela e gera ainda mais divisões.

Leitor 1: Apenas como exemplo, mas não como um modelo de comportamento, testemunhamos (André e Karina) que tem funcionado bem nestes 25 anos de matrimônio um simples combinado que fizemos já no tempo de nosso noivado: não levar situações que vivêssemos ou presenciássemos na casa dos pais de um cônjuge para a casa dos pais do outro. E não levamos aos pais todas as nossas angústias e eventuais desentendimentos, fazendo deles um “muro das lamentações”.

Momento de partilha (máximo de 5 min.)

Como tem sido o seu relacionamento com a família de seu namorado(a), noivo(a) ou cônjuge? Vocês – o casal – percebem a necessidade de ajustes no convívio? E vocês (o casal) conseguem conversar tranquilamente e de modo sincero sobre isso?

Leitor 2: Outro aspecto importante em relação ao convívio com os pais é a necessidade de que eles conheçam as opções feitas pelo casal, principalmente quando chegam os filhos (os netos). Aqui falamos de tudo, seja no estilo de alimentação, nos vídeos que os filhos podem assistir, nos locais que eles podem frequentar etc. É necessário falar com delicadeza mas com bastante clareza, explicando as opções e pedindo que os pais (os avós) as respeitem e os ajudem a realizá-las.

Leitor 3: Além disso, o contato dos netos com os avós é muito bom para ambos. Os avós são pais duas vezes e se realizam muito no contato com seus netos! Os netos precisam admirar seus avós, valorizar as experiências deles, procurar conhecer como viveram e conviver com eles.

Leitor 1: Em nossa sociedade há muitos avós que assumem o cuidado diário dos netos. Mas os avós tendem a ser mais permissi-

vos e pouco exigentes. Isso é algo natural e que pode comprometer a educação dos filhos e gerar conflitos conjugais.

Leitor 2: E não é só isso. Esse costume pode representar um peso para os avós, que precisam de descanso e também de liberdade e ausência de muitos compromissos. É um aspecto que requer muita atenção e, talvez, algumas renúncias do casal, principalmente durante os primeiros anos de seus filhos.

Momento de partilha (máximo de 5 min.)

O que vocês pensam sobre os avós que cuidam diariamente dos netos? Já conversaram sobre isso? Que problemas conjugais podem surgir nessa situação?

Leitor 3: Em um único encontro não é possível tratar de todas as dimensões do relacionamento familiar, mas a intenção é trazer o tema para a reflexão para que os casais – sejam namorados, noivos, coabitantes ou casados – dialoguem e reflitam sobre ele.

Casal coordenador: Para encerrar o encontro de hoje, façamos a leitura de uma bela catequese do Papa Francisco:



Hoje, chegamos ao mandamento sobre o pai e a mãe. Fala-se da honra devida aos pais. Em que consiste essa “honra”? O termo hebraico indica a glória, o valor, a letra, o “peso”, a consistência de uma realidade. Não é questão de formas exteriores, mas de verdades. Nas Escrituras, honrar a Deus quer dizer reconhecer a sua realidade, fazer as contas com a sua presença; isso exprime-se também mediante os ritos, mas implica, sobretudo, atribuir a Deus o lugar certo na existência. Portanto, honrar o pai e a mãe significa reconhecer a sua importância até com gestos concretos, que manifestam dedicação, afeto e esmero. Mas não se trata apenas disso.

A Quarta Palavra tem sua característica: é o mandamento que contém um êxito. Com efeito, reza: «Honra teu pai e tua mãe, como

te mandou o Senhor teu Deus, para que se prolonguem os teus dias e prosperes na terra que te deu o Senhor teu Deus» (Dt 5, 16). Honrar os pais leva a uma vida longa e feliz. No Decálogo, a palavra “felicidade” só aparece ligada ao relacionamento com os pais.

Essa sabedoria multimilenária declara aquilo que as ciências humanas souberam elaborar só há pouco mais de um século: ou seja, que a marca da infância se reflete sobre a vida inteira. Muitas vezes, pode ser fácil entender se alguém cresceu num ambiente saudável e equilibrado. Mas igualmente perceber se uma pessoa provém de experiências de abandono ou de violência. A nossa infância é um pouco como uma tinta indelével, exprime-se nos gostos, nos modos de ser, não obstante alguns procurem esconder as feridas das próprias origens.

Mas o quarto mandamento diz ainda mais. Não fala da bondade dos pais, não exige que os pais e as mães sejam perfeitos. Fala de um gesto dos filhos, prescindindo dos méritos dos pais, e diz algo extraordinário e libertador: embora nem todos os pais sejam bons e nem todas as infâncias sejam tranquilas, todos os filhos podem ser felizes, porque o êxito de uma vida plena e feliz depende do justo reconhecimento por aqueles que nos deram a vida.

Pensemos como essa Palavra pode ser construtiva para tantos jovens que provêm de histórias de dor e para todos aqueles que sofreram na própria juventude. Muitos santos — e numerosos cristãos — depois de uma infância dolorosa, levaram uma vida luminosa porque, graças a Jesus Cristo, se reconciliaram com a vida. Pensemos no jovem Sulprizio, hoje Beato e no próximo mês Santo, que com 19 anos concluiu a sua vida reconciliado com muitas dores, com tantas situações, porque o seu coração estava sereno e nunca tinha renegado os seus pais. Pensemos em São Camilo de Lellis que, de uma infância desordenada, construiu uma vida de amor e de serviço; em Santa Josefina Bakhita, que cresceu numa escravidão horrível; ou no Beato Carlos Gnocchi, órfão e pobre; e no próprio São João Paulo II, marcado pela perda da mãe em tenra idade.

Independentemente da história da sua proveniência, o homem recebe desse mandamento a orientação que conduz a Cristo: com efeito, é n’Ele que se manifesta o verdadeiro Pai, que nos oferece o

“renascimento do Alto” (cf. Jo 3, 3-8). Os enigmas das nossas vidas iluminam-se quando se descobre que Deus nos prepara desde sempre para uma vida como seus filhos, onde cada gesto é uma missão recebida d’Ele.

As nossas feridas começam a ser potencialidades quando, por graça, descobrimos que o verdadeiro enigma já não é “por quê?”, mas “por quem?”, por quem me aconteceu isto. Em vista de qual obra Deus me forjou, através da minha história? Aqui tudo se inverte, tudo se torna precioso, tudo se torna construtivo. A minha experiência, ainda que seja triste e dolorosa, à luz do amor, como se torna para os outros, para quem, fonte de salvação? Então, podemos começar a honrar os nossos pais com liberdade de filhos adultos e com misericordiosa aceitação dos seus limites.

Honrar os pais: eles deram-nos a vida! Se tu te afastaste dos teus pais, faz um esforço e regressa, volta para eles; talvez sejam idosos... Eles deram-te a vida. Além disso, temos o hábito de proferir expressões feias, até palavrões... Por favor, nunca, nunca, nunca insultem os pais de outrem. Jamais! Nunca se insulta a mãe, nunca se insulta o pai. Jamais! Tomai vós mesmos esta decisão interior: doravante, nunca insultem a mãe ou o pai de alguém. Foram eles que lhe deram a vida! Não devem ser insultados.

Esta vida maravilhosa é-nos oferecida, não imposta: renascer em Cristo é uma graça a acolher livremente (cf. Jo 1, 11-13) e constitui o tesouro do nosso Batismo no qual, por obra do Espírito Santo, um só é o nosso Pai, aquele que está no Céu (cf. Mt 23, 9; 1 Cor 8, 6; Ef 4, 6). Obrigado!

Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2018/documents/papa-francesco_20180919_udienza-generale.html



Oração final (Pág. 15).

ATIVIDADE A DOIS

Para ser feita em casa, após o encontro.

Assistam a um brevíssimo vídeo que elucida um dos temas discutidos em nosso encontro: **Como lidar com o conflito entre mãe e esposa?**

<https://padrepauloricardo.org/episodios/como-lidar-com-o-conflito-entre-mae-e-esposa>



Conversem sobre a conduta do casal em relação ao vínculo com os pais. Um indicador de maturidade pode ser a resposta a esta pergunta:

Vocês dois conseguem ficar 30 dias sem dar satisfações do que fizeram e sem pedir opiniões aos seus pais em situações corriqueiras?

Sentem-se independentes afetivamente e financeiramente?

Leiam juntos o texto: **Avós, pais e netos: como equilibrar essas relações para evitar conflito familiar.**

<https://www.semprefamilia.com.br/pais-e-filhos/avos-pais-e-netos-como-equilibrar-essas-relacoes-para-evitar-conflito-familiar/>



ACESSE [MATRIMONIO.PIUS.COM.BR](https://www.matrimonio.pius.com.br)

Em nosso site, temos outros encontros para continuação e um conjunto de 10 encontros no livro Matrimônio: Encontros de aprofundamento.